

## MEDIAÇÕES VISÍVEIS NA CIDADE: OLHARES SOBRE O RACISMO EM BELÉM DO PARÁ

Tainara Lúcia Pinheiro<sup>1</sup>  
Carmem Izabel Rodrigues<sup>2</sup>

### RESUMO

Em Belém do Pará predomina, com força ilocucionária crescente, o pressuposto de que somos uma cidade morena para um povo moreno. Esse pressuposto, fruto de um senso comum que busca classificar/categorizar as misturas étnico raciais produzidas desde o contexto colonial, tornou-se cada vez mais uma construção discursiva local para acomodar as diversas e muitas vezes opostas interpretações sobre nossa identidade. A análise aqui proposta, nos permite refletir sobre o construto da morenidade, essa violenta identificação mestiçada que por muito tempo tem sido apresentada como um traço cultural central da identidade da cidade, como uma construção discursiva local, uma representação de forte apelo sensório-visual, cuja interpretação histórico-cultural é, ao mesmo tempo, fruto de luta e negociação entre grupos e classes sociais, de resistência e imposição de forças em luta por classificação das alteridades produzidas a par das mestiçagens étnico raciais amazônicas.

**Palavras-chave:** Mediações. Racismo. Ver-o-Peso. Estação das Docas.

### ABSTRACT

In Belém do Pará the assumption that we are a *morena* city for a *moreno* people prevails, with increasing illocutionary strength. This assumption, the result of a common sense that seeks to classify/categorize the ethno-racial mixtures produced, since the colonial context, has increasingly become a local discursive construction to accommodate the diverse and often opposite interpretations about our identity. The analysis proposed here, allows us to reflect on the construct of *morenidade*, this violent miscegenated identification that for a long time has been presented as a central cultural feature of the city's identity, as a local discursive construction, a representation of strong sensory-visual appeal, whose historical-cultural interpretation is, at the same time, the result of struggle and negotiation between groups and social classes, of resistance and the imposition of forces in struggle for the classification of alterities produced alongside Amazonian ethnic racial miscegenations.

**Keywords:** Mediations. Racism. Ver-o-Peso. Estação das Docas.

**Data de submissão:** 05/08/2020

**Data de aprovação:** 27/08/2020

### INTRODUÇÃO

As mediações visíveis nas cidades influenciam diretamente na sustentação de identificações sociais. A análise aqui proposta nos permite refletir sobre o construto da morenidade, essa violenta identificação mestiçada que por muito tempo tem sido apresentada

---

<sup>1</sup>Mestra em Sociologia e Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGSA-UFPA). Graduação no curso de Bacharelado em Ciências Sociais da UFPA. Graduação no curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UFPA. Pesquisadora no grupo de estudos e pesquisas NosMulheres - Pela equidade de gênero etnicorracial da UFPA. Integra o Grupo de Estudos Afro-Amazonico - GEAM / UFPA. E-mail: tainaraluc@hotmail.com

<sup>2</sup>Doutora em Antropologia (Universidade Federal de Pernambuco). Professora do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da Universidade Federal do Pará. Participa dos Grupos de Pesquisa: GEMP - Grupo de Estudos sobre Mercados Populares-UFPA e TAMBOR - Grupo de Estudos sobre Carnaval e Etnocologia-ETDUFPA. E-mail: cizbel@gmail.com

como um traço cultural central da identidade da cidade de Belém do Pará, como uma construção discursiva local, uma representação de forte apelo sensorial-visual, cuja interpretação histórico-cultural é, ao mesmo tempo, fruto de luta e negociação entre grupos e classes sociais, de resistência e imposição de forças em luta por classificação das alteridades produzidas a par das mestiçagens étnico raciais amazônicas.

A partir de uma etnografia realizada em dois lugares centrais na cidade de Belém – o mercado do Ver-o-Peso e o complexo Estação da Docas – no período de junho a dezembro de 2019, comparamos as imagens, espaços de venda e consumo e as denominações associadas a alguns produtos oferecidos e consumidos nesses lugares, com o objetivo de interpretar os significados das mediações referentes a identificações raciais e suas relações com esses espaços de comércio, lazer e consumo, em particular, e com a cidade de maneira mais ampla. O que percebemos, de início, é que esses lugares, relativamente próximos (contíguos) e distantes (usos e apropriações de acordo com as classes e/ou grupos sociais) apresentam mediações visíveis sobre identificações raciais também distintas.

Usamos aqui o termo mediações a partir de Raymond Williams (2007 [1976]), que identifica vários sentidos para o termo ao longo da história do conceito; dois sentidos tornaram-se de uso comum, ambos originários da obra de Chaucer (1386, apud WILLIAMS, 2007, p. 273): o de intervir com propósito de reconciliar (humanos e deuses, adversários em conflito/antagonistas); e o de intermediar, no sentido de uma agência capaz de intermediar desde coisas materiais até os atos mentais, de modo a permitir a apreensão da realidade tanto por meio dos sentidos externos quanto pela imaginação. Essa agência não é “um processo neutro de interação de formas separadas, mas um processo ativo no qual a forma de mediação altera as coisas mediadas ou indica a natureza delas por sua própria natureza” (p. 274); esse último sentido está bastante próximo da ideia de que as coisas que percebemos (apreendemos) da realidade lá fora, no mundo exterior, por nossos sentidos, “são mediadas por relações sociais específicas” (p. 275).

Segundo Stuart Hall (2018), é por meio da linguagem que “damos sentido às coisas, onde o significado é produzido e intercambiado” (p. 17). Como um sistema de representações que faz uso de “signos e símbolos – sejam eles sonoros, escritos, imagens eletrônicas, notas musicais e até objetos – para significar ou representar [...] conceitos, ideias e sentimentos” (p. 18), a linguagem nos permite comunicar – trocar, fazer circular – ideias, crenças e valores compartilhados por um grupo, nação ou sociedade (p. 19). Os “significados culturais compartilhados” [...] organizam e regulam práticas sociais, influenciam nossa conduta e geram efeitos reais e práticos” (p. 20). Também criamos sentidos quando “nos expressamos por meio de ‘objetos culturais’, os consumimos ou deles fazemos uso ou nos apropriamos” [i.e.] quando os integramos nas práticas e rituais cotidianos” (p. 22). Tais elementos (sons, palavras, gestos, expressões) constroem e transmitem significados, confirmando que “a linguagem é uma ‘prática significativa’” (p. 24).

Entre os “efeitos e consequências da representação [i.e.] sua política”, o autor destaca a potência do “conhecimento elaborado por determinado discurso [que] regula condutas, inventa ou constrói identidades e subjetividades e define o modo pelo qual objetos são representados, concebidos, experimentados e analisados” (p. 27). Sobre as “representações das diferenças” em imagens como “fotografia jornalística, publicidade, ilustrações”, o autor chama atenção para “como a diferença racial, de etnia e de sexo tem sido ‘representada’ em exemplos visuais” [e] como as práticas de significação de fato estruturam nosso ‘olhar’”; ou seja, “como os diversos modos de olhar estão circunscritos por essas práticas de representação, e como a violência, a fantasia e o ‘desejo’ [tornam essas práticas] mais complexas e mais ambíguos seus sentidos” (p. 28).

Entendendo as mediações culturais como práticas de produção de sentidos, produzidos em contextos e relações de poder de nomeação e luta por classificação social (BOURDIEU,

1989), buscamos ler, nos espaços analisados, as construções discursivas relativas à morenidade paraense como expressão mestiçada de nossa identidade cultural.

## 1 MEDIAÇÕES DO OLHAR SOBRE A CIDADE MORENA

*Quando eu era pequena, costumava ir com meu pai ao Ver-o-Peso para “ver a cidade” e, nesse percurso, ele apontava os lugares e contava muitas histórias; da família, da cidade e das coisas que só se explicam com fé e imaginação; ele viu e eu ouvia as coisas que ele tinha visto e aprendi a ler a cidade por essa lente. Depois de muitos anos fazendo o mesmo trajeto, agora, o meu modo de olhar já meio treinado para enxergar certas coisas, possibilitou-me interpretações diferentes sobre as mediações na cidade. E que mediações são essas?<sup>3</sup>*

São as mediações presentes no trajeto que está em vermelho na figura que segue; em imagem, o espaço em que trabalho de campo foi realizado. Esse caminho é trilhado por muitas pessoas que moram em Belém e por diversos motivos, rota de muitas linhas de transporte público e parada quase que obrigatória para quem visita, uma vez que nele estão dois importantes pontos turísticos da cidade. Podemos inferir, portanto, que, de alguma forma, grande parte da população tem algum tipo de relação com o espaço.

Figura 1: Orla da cidade, incluindo a Estação das Docas e o Ver-o-Peso. Em vermelho, o espaço em que a etnografia foi realizada.



Fonte: Adaptado de Google Maps, 2019.

Na imagem, podemos ver um grande rio e a partir desse olhar é possível contar da cidade e do campo de pesquisa: Belém cresceu na beira. Na beira da baía do Guajará, na beira

<sup>3</sup> Autora. Notas de Caderno de Campo, 2019.

do rio Guamá, banhada por rios que de rua serviam e servem para moradores de ilhas próximas que traziam, há tempos atrás e ainda hoje, produtos para serem comercializados no mercado do Ver-o-Peso (CAMPOS; CAMPELO, 2017). Ali, se vende *tudo de tudo que é tipo e o que quer que seja é da melhor qualidade*, basta perguntar para qualquer vendedor que te queira freguês. É espaço de trabalho, lazer, sociabilidade e representatividade cultural, social e econômica na cidade de Belém, frequentado por grupos heterogêneos de pessoas. O mercado, de cerca de 35 mil metros quadrados, existe desde a segunda metade do século XVII, comporta o Mercado de Ferro, o Mercado de Carne, o Praça do Relógio, a Doca, Feira do Açaí, Ladeira do Castelo, o Solar da Beira e vários quiosques. Sua inauguração datada de 1688, momento de controle alfandegário na Amazônia pela colônia; em 1913 foi construído o Porto da cidade e o mercado toma forma mais parecida com o que temos hoje (CAMPOS; CAMPELO, 2017).

Tiago Vaz Silva (2010) afirma que desde sua fundação o mercado foi construído, sobretudo, no campo de suas representações social, simbólica e tradicional na cidade; para o autor, o espaço é inclusivo e a presença de pessoas negras é marcante, interagindo com outros grupos e experienciando as tensões raciais. Nas palavras dos interlocutores de Vaz Silva, tem *branco*, tem *preto*, mas quase todos que trabalham no Ver-o-Peso são *morenos*<sup>4</sup>. O referido autor apresenta o mercado como um “espaço negro implícito” e, ao mesmo tempo, o entende como um símbolo da morenidade. Para ele, ambos – o mercado e a morenidade – compõem atributos da identidade de e sobre Belém. Afirma que

Ao assumir um certo estatuto simbólico de positividade, a morenidade é associada muitas vezes a uma noção de “brasilidade”, uma vez que simboliza o “melhor do resultado da mistura racial entre os fundadores da nossa sociedade, que tanto organiza as nossas narrativas sobre a nação. Disseminada no Brasil como um todo, a morenidade assume contornos específicos em Belém (VAZ SILVA, 2010, p. 195).

Essa ideia de morenidade como expressão nacional de mistura racial acaba por desenvolver formas locais mais intensificadas, como no caso da cidade de Belém, onde prolifera, com força crescente, a construção discursiva da morenidade como representação e símbolo de identidade na cidade. Segundo o autor,

Dentre as categorias preferenciais para falar da cor/ raça dos brasileiros, destaca-se a palavra *moreno* e suas variações *moreno claro* e *moreno escuro*. Há tempos que sabemos que a expressão *moreno* é uma categoria de pensamento nas representações sobre cor e raça dos brasileiros [...] Enquanto categoria de pensamento das nossas relações raciais, o termo *moreno* não se restringe somente à cor, mas se constitui em valor cultural no país, expressando bem as representações sobre a miscigenação brasileira. (VAZ SILVA, 2007, p. 88).

Segundo Vaz Silva, o “amorenamento” da cidade “não se resume à cor da pele”, mas se reflete também nas questões estético-culturais mais amplas, como composições de músicos locais, matérias jornalísticas, imagens publicitárias (inclusive de espaços centrais da cidade, como o Ver-o-Peso) que destacam essa morenidade paraense (2007, p. 88-91); aparece mesmo em concursos populares como o de quadrilhas juninas, como aponta Rafael Noleto

---

<sup>4</sup> Dados sobre cor e sexo dos feirantes, levantados pelo autor durante a pesquisa, indicam cerca de 60 % dos trabalhadores são classificados nas categorias *morena* (32,8%), *preta* (16,6%) e *negra* (10%), enquanto 40% foram classificados de cor *branca* (19,5%) e *outras* (21,1%) (VAZ SILVA, 2007, p. 70, Tabela 1).

(2014) sobre a mudança de nomenclatura oficial usada em concursos de miss das festas juninas em Belém<sup>5</sup>.

As diversas análises realizadas sobre a construção da morenidade (paraense) permitem pensar a perspectiva da estrutura de relações sociais responsável pela imposição de um discurso de poder sobre essas relações raciais: a quem ela serve, sobre quem é imposta e – mais importante –, por quem é imposta. O problema vem de muito tempo, do começo da nossa história enquanto país. A história brasileira, marcada pela exploração de populações negras e indígenas, deu como herança para a população negra aqui presente até nossos dias um tipo de fragmentação identitária que deu bases para o “branqueamento” da população e para a consolidação do “mito da democracia racial” brasileira, ideologias sustentadas por elites brancas que responsabilizavam a população de cor pelo atraso econômico brasileiro (HASENBALG, 1979). Como mito fundador do país, a democracia racial é o que fundamenta toda a matriz civilizatória brasileira, mito esse que celebra a mestiçagem, essa “salvação” no momento em que a negritude era vista como inferior, impura, ameaçadora.

A partir do histórico de negatização de qualquer aproximação da identificação enquanto negro é que a necessidade de distanciamento da negritude ganha significação pragmática na vida social, pois “[...] o negro tomou o branco como modelo de identificação, como única possibilidade de tornar-se gente” (SOUZA, 1983, p. 18). E a noção sobre os matizes que diferem o branco do não branco, do não negro ou quase, são diversas no território brasileiro (HASENBALG, 1979). Em Belém, esbarramos na categoria morenidade, construção regional violenta que nasce da tentativa de anular a negritude e se aproximar de algum tipo de brancura; e a busca por identificação com a negritude em Belém muitas vezes esbarra no mito de uma morenidade local (CONRADO; CAMPELO; RIBEIRO, 2015).

Segundo Conrado, Campelo e Ribeiro (2015), a cor morena é articulada discursivamente para que a preta passe a não mais existir e, talvez, para solucionar essa nossa dúvida identificatória: sabemos que não somos “índios” nem brancos, e as elites brancas não querem negros. Caboclo não passa nem pelo pensamento, uma vez que em “primeiro lugar, o caboclo é uma categoria de alteridade, que fala sempre do outro. Em segundo lugar, não é um ser ou uma essência, mas uma categoria de representação” (RODRIGUES, 2006, p. 122). É acusação, e não identificação de si; como afirma a autora, o caboclo é a fantasmagoria que assombra o amazônida urbano.

Se nada disso podemos ser ou não queremos que sejamos, seremos, então, o que? Morenos. Morena é a cidade, morena é a pele das pessoas, morena é a construção identificatória mais favorável socialmente àqueles que por brancos não podem ser identificados. O “elogio que fere” (MELO; LOPES, 2015) é também a palavra que declara e ao mesmo tempo camufla a identidade sufocada na “metáfora da cor”<sup>6</sup> nuançada. Entre as

---

<sup>5</sup> Em 2014, a Prefeitura de Belém resolveu abandonar a categoria “Miss Mulata” e adotar a designação “Morena Cheirosa” com o intuito de aproximar o qualificador racial “morena” da designação usualmente mobilizada para descrever Belém como cidade morena e cheirosa, referindo-se, respectivamente, ao caráter “mestiço” que configura a formação racial da população da cidade e aos cheiros dos frutos e temperos que integram os ingredientes da culinária local, tais como a manga (Belém também é considerada como cidade das mangueiras) e o tucupi (caldo aromático extraído da mandioca e utilizado para receitas como tacacá e arroz paraense). Por outro lado, de acordo com informações coletadas em entrevistas realizadas com Alice Miranda e Ruth Botelho (principais organizadoras dos concursos promovidos pela prefeitura), a categoria “Morena Cheirosa” sublinha o caráter mais paraense e amazônico pretendido para esta categoria de miss, afastando-se do caráter mais “negro” e “africano”, utilizados em anos anteriores nas coreografias dessas misses e percebidos, pela organização dos concursos da prefeitura, como não amazônicos (NOLETO, 2014, NR 1, p. 3309).

<sup>6</sup> “Ser negro(a) no Pará, e por que não dizer na Amazônia, não é o mesmo que nas outras partes do país. Pelo processo histórico, a presença da população negra na região foi mitigada e relegada a segundo plano. A região tem a marca das hipérboles e dos mitos, e essa marca condicionou a forma como a população negra foi tratada nas análises acadêmicas e como teve a sua identidade “sufocada” na metáfora do ser moreno/morena até os dias

máscaras (FANON, 2008) disponíveis para identificação de si, nessa cidade, esbarramos na máscara de morenidade, construção regional que nasce como estatuto simbólico positivo associado à “brasilidade” em termos de explicação para miscigenação (VAZ SILVA, 2007). Aqui temos a morenidade como identificação social que nomeia um tipo de identidade coletiva regionalizada (RIBEIRO, 2012), que aparece inclusive como título para a cidade:

Cidade tem cor? Belém tem. Uma mal definida e mal resolvida. À capital paraense, foi conferido o título de Cidade Morena, que se refere à cor da pele da maior parte da população da cidade, essa cor que tem um tom meio escuro, meio marrom, até pardo, talvez meio pálido. Negro. Negro? [...] O moreno pode mascarar uma identidade [...] que ainda sofre os impactos de séculos de abusos coloniais e ainda não conseguiu refletir sobre si mesma, sobre suas origens e raízes. E por isso não conseguiu se assumir. Por que Belém não é cidade negra? (SARRAF, 2016. s/p).

## **2 O PESO DO RACISMO NAS MEDIAÇÕES CULTURAIS**

A partir do pensar a cidade e as maneiras como os nós da cultura se amarram ou enlaçam é que as mediações devem ser analisadas. Falando sobre possíveis fatores de mediação no mercado do Ver-o-Peso, Samuel Sá (2010) afirma que os sinais visíveis de identidade informal, como os nomes das barracas tipificados em placas, podem ser considerados como mediações no espaço, mas não só eles; a própria organização espacial, relações de ajuda mútua e parentesco podem ser assim consideradas. Na análise das mediações de sinais visíveis de identidade informal que fizemos nos espaços do mercado e da Estação das Docas, considerando principalmente identificações raciais tipificados em placas, interpretamos cenários distintos, ainda que lado a lado. Abaixo, imagens que indicam mediações no Ver-o-Peso:

Figura 2: Barracas do mercado do Ver-o-Peso.



Fonte: Acervo da autora, 2019.

Figura 3: Barraca do mercado do Ver-o-Peso.



Fonte: Acervo da autora, 2019.

No Ver-o-Peso, identificamos tipificações marcadas por cor e raça, memória de um passado escravocrata e a presença de barracas que vendem produtos para religiões de matriz africana. Em todo complexo da feira, não vimos barraca da “morena” ou qualquer coisa do tipo. A única vez que *mestiço* aparece enquanto mediação é no nome do bombom da imagem que segue, que é coberto por chocolate e vendido com os mais variados recheios. Nesse caso, essa “mestiçagem” possui sentido de mistura de sabores que se complementam no produto. Mas encontramos também uma barraca de Bombons PARAENSE, cuja composição mistura dois produtos que expressam cores que simbolizam fortemente esse arranjo entre branco e preto: o açaí, forte símbolo da cor morena, e a tapioca, cujo processo de transformação resulta no produto mais ‘branco’ de todos os tipos de farinha regional.

Figura 4: Barracas de venda de bombons regionais no mercado do Ver-o-Peso.



Fonte: Acervo da autora, 2019.

Alessandro Campos e Marilu Campelo (2017) nos dizem que é no Ver-o-Peso também que estão as mais antigas casas especializadas em vendas de produtos variados para rituais de terreiros afro-religiosos; no mercado estão alguns dos principais fornecedores da cidade. Os autores afirmam que as mercadorias não se fecham em si mesmas, mas divulgam e legitimam as religiões, ressoando a comunidade. Nas principais capitais brasileiras, os mercados têm importância para esses cultos, uma vez que, nas relações de compra e venda, também é possível saber de eventos, relações entre líderes, hierarquias religiosas e tantas outras coisas. Abaixo, a imagem de um dos espaços no mercado em que essas vendas são realizadas.

Enquanto no Ver-o-Peso, podemos pensar essas casas especializadas como “espaços de negritude, de resistência e de afirmação de ser negro(a) amazônico(a)” (CONRADO;



CAMPELO; RIBEIRO, 2015, p. 213, 207)<sup>7</sup>, na Estação das Docas não existe essa possibilidade; em nenhum momento ou contexto religiões de matriz africana aparecem como mediação ou espaço para comércio desses produtos.

Figura 5: Barraca de venda de objetos afro-religiosos no mercado do Ver-o-Peso.



Fonte: Acervo da autora, 2019.

Poderíamos dizer que no Ver-o-Peso a mestiçagem não aparece, portanto? Não. Se a categoria não está presente nas mediações visíveis, na palavra dita ela é explícita, nos “*ei, morena!*”, “*ôh, morena...*” para se referir, provocar ou “paquerar” mulheres no espaço do mercado. A imagem da morenidade enquanto corpo está, muitas vezes, em consonância com a figura feminina. Sabemos que existe um tipo de cobrança externa e internalizada por mulheres negras sobre seus fenótipos que, tal como prega a morenidade, deveriam se afastar da negritude. Morena, nesse sentido, entra na cotidianidade do mercado como tipificação possível para se referir ao outro – uma vez que negro não o é. Morena é “flerte”, “elogio”, e

<sup>7</sup> Segundo Conrado, Campelo e Ribeiro (2015, p. 217) “Nas novas áreas de expansão urbana é possível observar-se um contingente de população negra e de suas marcas simbólicas: grupos culturais, reggae e terreiros afro-religiosos, espaços que dão ênfase às manifestações afroculturais mais lúdicas e que, ao mesmo tempo, trabalham a integração, a autovalorização coletiva e promovem discussões acerca do racismo e das negações a que a população negra vem sendo submetida, inclusive no espaço escolar. Nesses espaços, o ideal de morenidade perde lugar para o ideal da negritude, em favor, por exemplo, de locais e grupos que se identificam como Casa Preta, Coisa de Negro, Espaço Cultural Serginho de Ogum, Quilombo da Praça da República, entre outros espaços culturais que tocam determinados ritmos e que têm projetos sociais com a comunidade negra, e espaços de reggae, de samba e de terreiros. É possível mesmo dizer-se que esses espaços são territórios de negritude, onde a essência de ser negro(a) é mantida ou mesmo recriada, e a morenidade deixada em segundo plano”. Consideramos que as casas especializadas do Ver-o-Peso podem ser incluídas nessa classificação.

isso evidencia que o discurso social sobre negritude é de algo negativo, que não deve ser verbalizado.

Essa mesma noção de afastamento da negritude parece ter maior potência no complexo cultural Estação das Docas. Nele, não identificamos nenhuma mediação visível relativa à negritude. Em contrapartida, percebemos várias outras tratando de identificações mestiçadas. Também não identificamos discursos como no mercado, mesmo porque a dinâmica dos espaços é distinta. No mercado, durante todo o tempo, feirantes e fregueses conversam, negociam, falam alto e em tom de brincadeira, muitas vezes sobre a vida cotidiana, coisa que não acontece na Estação, onde tudo é mais comedido, silencioso (ou silenciado). Os espaços são distintos, desde a arquitetura do lugar à organização e apropriação dos espaços, como podemos ver nas imagens que seguem, já traduzem os interesses e desejos das elites da cidade.

Figura 6: Estação das Docas, Belém.



Fonte: Acervo da autora.

Esse espaço foi inaugurado no ano 2000, mesmo ano em que o que antes era a zona portuária, desativada após a crise da borracha em meados dos anos 1930, foi tombado como patrimônio histórico cultural. O investimento de cerca de 18 milhões de reais do Governo proporcionou cerca de 500 metros de calçadão na beira do rio, lojas, restaurantes, bares, sorveterias, teatro, banco, cais flutuante, estacionamento e tantas coisas outras que vão mudando no tempo. Três galpões que ali já estavam, de origem inglesa, foram restaurados, guindastes antes usados no porto foram mantidos e valorizados na configuração espacial. Mais de 30 mil metros<sup>2</sup> do espaço disponível foi modificado na reforma (CAMPOS; RODRIGUES, 2012).

Figura 7: Cerca que separa a Estação das Docas do Ver-o-Peso, em Belém.



Fonte: Acervo da autora, 2019.

Fazer o caminho do mercado para a Estação das Docas é particularmente inquietante, pois só é possível tomando um desvio da orla, uma vez que uma grade separa os dois espaços no calçadão da baía (imagem acima). Existe uma barreira física que separa os espaços – além de barreiras simbólicas. Entrando na Estação, outro símbolo salta aos olhos: é bem na fronteira que a obra de arte abaixo está colocada. Ironicamente – ou nem tanto assim – uma vaca preta. Uma vaca preta coberta pela bandeira do Estado como um manto, manto que conta qual a cor da cidade. “Cidade morena do cheiro cheiroso”.

Figura 8: Obra de arte localizado na Estação das Docas, em Belém.



Fonte: Acervo da autora, 2019.

Essa frase é verso do hino de Belém que foi criado em 22 de janeiro de 2007 por Eduardo Neves e Luiz Pardal. A vaca é ponto turístico dentro do ponto turístico e ficou por aqui desde 2016, quando a cidade recebeu a exposição *Cow Parade*, que roda o mundo desde 1999 e é considerada um dos maiores eventos de arte a céu aberto do mundo. Em sua nona edição no Brasil, e com Fafá de Belém como madrinha, a exposição expunha em alguns pontos de Belém 50 vacas feitas de fibra de vidro customizadas por artistas locais. Nesse ano, 2016, Belém completava 400 anos. A exposição seria um presente e as vacas representariam tudo o que a cidade é. Em exposição permanente em espaço público só ficou essa. De começo, além do que mostra a imagem, a vaca tinha um cocar indígena na cabeça como adorno. Obra da artista Beatriz Lassance, de nome *Égua da Mana*<sup>8</sup>, a vaca mudou de lugar. Hoje fica na Estação, em 2016 ficava no Aeroporto Internacional de Belém: aviso para quem chega, principalmente para quem chega por lá... *Égua da mana, não é?! Preta, preta. Até indígena, se reparar no cocar na cabeça.*

Como pode ser percebido na primeira imagem, pessoas posam ao lado da vaca para fotos, aproveitam-na para provar que estiveram aqui, nessa cidade e nesse tempo. Daí para frente, na Estação das Docas, tudo embranquece – ou moreniza, pelo menos, – uma vez que há tempos a tentativa de uma Paris N’América não deu certo.

Abaixo, imagens de outras mediações. Têm mulata, têm morena, mas em nenhum ponto da Estação mediações de negritude aparecem. Nem preta, nem negra. Tudo é mestiço:

<sup>8</sup> Cow Parade Belém - *Égua da Mana* - Autoria: Beatriz Lassance - Fibra de vidro com pintura, medindo: 154 x 234 x 80 cm. Site: <https://www.cowparade.com.br/belem-2016>.

Figura 9: Lojas na Estação das Docas.



Fonte: Acervo da autora, 2019.

Nesse contexto de análise de mediações, um dado chamou bastante atenção, o nome de um sorvete que junta dois sabores só nossos, coisa da terra, paraense. O sorvete de açaí com tapioca de maneira que a separação dos sabores não é visível se chama Paraense. Já o nome da mistura em que a separação do açaí e da tapioca é visível, branco e preto, na Sorveteria Cairu, a mais tradicional da Estação – e de Belém, com mais de 50 anos de história – é *Mestiço*:

Figura 10: Sorvete sabor Paraense, à venda na sorveteria Cairu, na Estação das Docas, em Belém.



Fonte: Acervo da autora, 2019.

Figura 11: Sorvete sabor Mestiço, à venda na sorveteria Cairu, na Estação das Docas, em Belém.



Fonte: Acervo da autora, 2019.

A mesma mistura, no Ver-o-Peso, é apenas paraense. Não identificamos em nenhum produto a tentativa de apresentar a diferença nesses termos. Retornamos à Figura 4 (Barracas de venda de bombons regionais no mercado do Ver-o-Peso) para comparar o que se entende por mestiço nesses dois espaços, onde ocorrem mediações de ordem semântica muito diferentes. O que em um lugar é mistura, em outro acompanha a ideologia presente em todo o resto: mestiçagem enquanto projeto de branqueamento.

Muniz Sodré, em *O Terreiro e a Cidade* (1988), nos diz que a pergunta ocidental sobre qualquer fenômeno está em um ponto: qual o significado? Tudo carece de interpretação para que as coisas reais tenham nome. Por real, o autor entende

O existente enquanto singular, único, incomparável – sendo a cultura o real representado ou atuado, o modo de se lidar com o real de cada um, seja por meio do registro das formas semióticas dominantes, seja por meio da exibição do limite dessas formas: a revelação da originalidade ou do mistério (SODRÉ, 1988, p. 10).

Uma das dimensões do real humano é o espaço e a maneira como indivíduos se relacionam com o espaço. O espaço físico e as mediações presentes nele afetam o comportamento humano e suas identificações. São “as afetações simbólicas que na cultura opera o espaço-lugar, o território, enquanto força propulsora, enquanto algo que possa engendrar ou refrear ações” (SODRÉ, 1988, p. 12). A geografia política constrói o espaço real, explicitando o poder social por meio de representações e do que não é representado, contando sobre o sistema de crenças de cada sociedade.

A questão do espaço é de extrema importância no Brasil. Sodré (1988) afirma que a redefinição de cidadania de qualquer indivíduo que vive na periferia colonizada do mundo perpassa pelo remanejamento do espaço territorial – em sua dimensão de relação espacial, arquitetônica e urbanística –, tanto na dimensão concreta quanto imaginária. O espaço imaginário compreende essas categorias materiais e simbólicas que se articulam com práticas sociais vividas e institucionais; nesse sentido, refere-se à

[...] padronização de diferenças sexuais, a confirmação de hierarquias ou então de certas formas de controle social impressas em mecanismos de inclusão/exclusão. No urbanismo, por sua vez, registra-se a aplicação integrada de variáveis políticas, econômicas e ideológicas, também com o pano de fundo de uma imaginariade nem sempre consciente (SODRÉ, 1988, p. 32-33).

E se nos espaços estabelecidos como territórios de negritude na cidade, em busca de identidade negra, a “morenidade fica em segundo plano” (CONRADO; CAMPELO; RIBEIRO, 2015, p. 217), os espaços aqui analisados, a par das contradições inerentes aos seus usos e apropriações como territórios de consumo, inclusive o consumo de imagens representativas dessa mistura de sabores e cores “inerentes” ao “ser paraense”, contribuem – de seus diferentes, embora contíguos – espaços de produção de sentidos, para a construção desse imaginário moderno de uma nação morena.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos interpretar as diferenças nas mediações dos dois espaços que aqui apresentamos como produto de diferentes pontos de hierarquização social. Ainda vigora, aqui no Pará e especificamente em Belém, a ideia de que somos mestiços, pardos, morenos em uma cidade morena. Se brancos não conseguimos ser, como parece ser o desejo predominante no discurso das elites brancas, e pretos não querem que sejamos, a morenidade aparece como “saída” para pessoas que são frutos miscigenados do violento processo colonial. Construções ainda mais específicas desse ser moreno são cotidianamente criadas: morena cor de jambo (mulher negra de pele avermelhada) (VAZ SILVA, 2007), “morenaça” (mulher negra vista como “gostosa”) e entre outras, “morena açaí” (mulher negra de pele escura) (CONRADO, CAMPELO e RIBEIRO, 2015). A cor do caroço do açaí é preta e, ainda assim, a “morena açaí” é morena.

Interpretamos, a partir de interpretações prévias, a partir de mediações, simbolizações que organizam possibilidades de existência – ou inexistência – de grupos. O sentido se apresenta na linguagem. É por meio dela que significações universais são construídas, as verdades primeiras de todas as coisas. Se a ideologia das sociedades é a ideologia das classes dominantes (MARX; ENGELS, 1998), a morenidade também faz parte da ideologia da classe dominante em Belém. Apesar de, por meio das análises das mediações, ser possível percebermos que as maneiras como se nomeiam as coisas são diferentes nos dois espaços analisados, os interlocutores de Vaz Silva (2010) ainda afirmam que a maioria dos trabalhadores do mercado são “*morenos*”. Existe algo que não é reproduzido nas mediações, mas é incorporado na prática interpretativa da cotidianidade.

Foi a partir de técnicas de “enganar-olho” (Trompe-l’Oeil, invenção renascentista), a partir do real que, no Brasil, desenvolveu-se a ideologia europeia; senhores de engenho e pequena burguesia acreditavam que a mulatice distanciava o espaço real da população negra e aproximava da europeia (SODRÉ, 1988). Não existe novidade criativa na retórica



miscigenada, nem na técnica, nem na finalidade. Enganar o olho é construir uma aparência de território metropolitano, criar ambientes com características que permitam afastar um passado escravocrata e vislumbrar o presente desejado: urbano, europeu, branco. Sanear, embelezar e liberar a circulação era imperativo para civilizar as cidades.

Em Belém, o que apresentamos aqui, permite perceber que isso ainda não mudou. Se no Ver-o-Peso as mediações apresentam (representam) negritudes, na Estação das Docas o ato de mestiçar está na ordem do dia. É como se, ultrapassando a grade, no limiar dos dois espaços, se apresentasse a necessidade de permissão para que a população negra, enquanto nome ou cultura, exista. É como se, na Estação, tudo ainda tivesse “medo de feitiço”, de tudo que a negritude pode oferecer (MAGGIE, 1992). Vivemos sobre a égide do mesmo projeto higienista racista de tempos atrás também quando se impede sistematicamente e por diversos mecanismos que uma população se identifique enquanto negra, quando se impõe, por meio dos mais diversos artifícios, que identificações mestiçadas sejam assumidas – quem não é negro muitas vezes não luta contra o racismo por não acreditar que essa pauta lhe atinja. Há de se higienizar o espaço, branquear. A consequência disso é a higienização da palavra – as mediações estão diretamente ligadas àquilo que a boca não diz (ou não diz para classificar a si mesma): Negra.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: DIFEL, 1989.

CAMPOS, Alessandro; CAMPELO, Marilu Márcia. O Complexo do Ver-o-Peso Como Mercado Da Cultura Material dos Terreiros Afro-Religiosos de Belém – PA. *In: Mercados Populares em Belém*: produção de sociabilidades e identidades em espaço urbano. Organização Carmem Izabel Rodrigues, Luiz de Jesus Dias Silva, Voyner Ravena-Cañete. Belém: NAEA, 2017. p. 270-287.

CAMPOS, Bárbara Fortes; RODRIGUES, Ísis Meireles. Revitalização de centros urbanos e sustentabilidade: os exemplos da estação das docas e da cidade de Barcelona. **VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar**. Teresina, UFPI, 2012. Disponível em: <http://gthistoriacultural.com.br/VIsimposio/anais/Barbara%20Fortes%20Campos%20&%20is%20Meireles%20Rodrigues.pdf>. Acesso em: 20 de agosto de 2019.

CONRADO, Mônica. Prates; CAMPELO, Marilu Márcia; RIBEIRO, Alan Augusto. Metáforas Da Cor: Morenidade e territórios da negritude nas construções de identidades negras na amazônia paraense. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 51, 2015. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21886/14129>. Acesso em: 30 de março de 2019.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HASENBALG, Carlos. **Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil**. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1979.

MAGGIE, Yvonne. **Medo de Feitiço**: relações entre magia e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MELO, Glenda Cristina Valim; LOPES, Luiz Paulo da Moita. “Você é uma morena muito bonita”: a trajetória textual de um elogio que fere. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, n 54.1, jan.-jun. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tla/v54n1/0103-1813-tla-54-01-00053.pdf>. Acesso em: 10 de julho de 2020.

NOLETO, Rafael. Caipira, Mulata, Simpatia e Gay: reflexões sobre gênero, raça e sexualidade nos concursos de miss das festas juninas em Belém – Pará. **18º REDOR**, UFPE. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/762/840>. Acessado em: 10 de julho de 2020.

RIBEIRO, Alan Augusto. Sobre uma “pedagogia da morenidade”: gênero e mestiçagem entre estudantes de duas escolas de Belém do Pará. **Revista Acadêmica de Educação do ISE Vera Cruz**, São Paulo, n. 1, 2012. Disponível em: <http://site.veracruz.edu.br/instituto/revistaveras/index.php/revistaveras/article/view/82/68>. Acessado em: 20 de março de 2019.

SÁ, Samuel. Violência e Mediações Culturais *In: Ver-o-Peso: estudos antropológicos no mercado de Belém*. Organização: Wilma Marques Leitão. Belém: NAEA, 2010. p. 169-182.

SARRAF, M. Cidade Morena. **Outro400.com.br**, Belém. 2016. Disponível em: <http://outros400.hostbelem.com.br/especiais/3745>. Acessado em: 20 jan. 2019.

SODRÉ, Muniz. **O Terreiro e a Cidade**: A forma social negro-brasileira. Petrópolis: Editora Vozes, 1988.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

VAZ SILVA, Tiago. **Ver-a-Cor**: Um estudo sobre as relações raciais no mercado do Ver-o-Peso em Belém (PA). 2007. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – PPGAS/UFSC, Florianópolis, 2007.

VAZ SILVA, Tiago. Ver-a-Cor: um estudo sobre relações raciais no mercado de Belém. *In: Ver-o-Peso: estudos antropológicos no mercado de Belém*. Organizadora: Wilma Marques Leitão. Belém: NAEA, 2010. p. 183-203.

WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave**: um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Boitempo, 2007 [1976].